

# Lição para usar tecnologia

## Entrevista/ Juana Maria Sancho

Mais que introduzir sons e imagens nas salas de aula e nos ambientes de trabalho, as máquinas e toda a tecnologia que envolve sua criação e uso mudam a sociedade em que vivemos de forma radical. Diante dessas mudanças, o educador e o empresário, assim como o funcionário e o aluno, parecem ter três caminhos: rechaçar as tecnologias e tentar ficar fora do processo; apropriar-se da técnica e transformar a vida em uma corrida atrás do novo; ou apropriar-se dos processos, desenvolvendo habilidades que permitam o acesso e o controle das tecnologias e seus efeitos.

Esta parece ser a lição que a professora Juana Maria Sancho, doutora em Filosofia e Ciência da Educação, professora titular de Currículo e Novas Tecnologias da Universidade de Barcelona dará em sua palestra, no final do mês, no Rio de Janeiro. Autora do livro *Para uma nova tecnologia educacional (Artes Médicas)*, Juana Maria Sancho navega na contracorrente do deslumbramento tecnicista e surpreende quando desmonta não só os conceitos do senso comum, como afirmações já consagradas por especialistas. Novas tecnologias, por exemplo, para ela, não se limitam a computadores e Internet. Para ela, há outras tecnologias que influenciam nossas vidas: "As tecnologias organizativas, tais como o taylorismo, o fordismo, o toyotismo, sistemas políticos e econômicos, sistemas organizativos de escolas, empresas, hospitais, tecnologias simbólicas e as biotecnologias". Antecipando-se a sua visita ao Brasil, Juana Sancho falou ao **JORNAL DO BRASIL** por e-mail, sintetizando o que pensa ser a educação ideal para o terceiro milênio.

**- Como a senhora explica o lapso de tempo que existe entre a criação de uma tecnologia e a sua efetiva utilização social?**

- Responder a esta questão, sem excesso de simplificações, exige que se faça algumas considerações sobre o sentido do próprio conceito de tecnologia e seu papel no mundo atual. Minha visão do que seja tecnologia me permite ver a relação entre a produção e a aplicação de tecnologias não só de um ponto de vista temporal como também como um processo um pouco mais complexo. Vou tentar me explicar. Neste momento, sobretudo pela influência dos Estados Unidos, tendemos a sobrepor o conceito de tecnologia ao das tecnologias de informação e comunicação e, de forma mais concreta, com os computadores e a Internet. Essa visão da tecnologia como um conjunto de aparatos, artefatos ou produtos para produzir, receber, tratar e transmitir informação, desfocaliza a visão mais ampla, complexa, política e ética que pensa as tecnologias como formas de representar e intervir no mundo e, sobretudo, como maneiras de configurá-lo. Essa mudança de enfoque faz com que desconsideremos as tecnologias que, de fato, têm mais influência em nossas vidas. Refiro-me às tecnologias organizativas, tais como o taylorismo, o fordismo, o toyotismo, sistemas políticos e econômicos, sistemas organizativos de escolas, empresas, hospitais etc, as tecnologias simbólicas (criação e utilização de signos e símbolos) e as biotecnologias (bioengenharia, manipulação genética de animais e

plantas etc). Também desvincula o conhecimento da sua aplicação e despreocupa-se do processo de tomada de decisões políticas, econômicas e éticas que tem peso na aplicação de recursos no desenvolvimento de determinados conhecimentos e ferramentas e não de outros. Não se coloca que a produção de determinadas tecnologias "seja inevitável", e crê-se que a "bondade da tecnologia está no sentido da sua aplicação".

**- Sua posição, então, é no sentido contrário ao que comumente se entende como tecnologia e sua relação com nossas vidas?**

- Minha forma de abordar o tema me coloca justamente no lado oposto a esta visão generalizada e não desvincula o conhecimento da sua aplicação. Minha forma de abordar o tema me situa no lado oposto e não desvincula o conhecimento da sua aplicação, não se despreocupa do processo de tomada de decisões políticas, econômicas e éticas que informa a aplicação de recursos no desenvolvimento de determinados saberes e ferramentas e não em outras. Também afirmo que a produção de determinadas tecnologias é inevitável e não creio que a bondade da tecnologia se baseia no sentido da sua aplicação. Entendo que a tecnologia - seja artefactual, simbólica, organizativa ou biotecnológica - surge em um determinado contexto para tentar resolver um problema que se coloca para um cientista em seu laboratório, uma empresa em seu departamento de pesquisa e desenvolvimento, a indústria de guerra ou um profissional em seu trabalho cotidiano. Nesse sentido, qualquer indivíduo é produtor e consumidor de tecnologia, de conhecimento em ação. No entanto, em um mundo em que a divisão do trabalho (e sobretudo do saber, do poder e da riqueza) é cada vez maior, algumas formas de saber, valores e visões de mundo são priorizadas em detrimento de outras. E as tecnologias, despojadas de seu contexto de produção, sua ideologia e seus aspectos éticos, são vendidas como soluções dos problemas da produção, do desenvolvimento e para a realização da igualdade e da justiça. Quando o modelo social, político e econômico que a gera só pode funcionar a partir da produção de mercado, uma visão materialista de desenvolvimento predomina e se tem desigualdades e injustiça.

**- Aqui podemos retomar a questão inicial...**

- Sim, porque o lapso de tempo entre o desenvolvimento e a utilização de uma tecnologia depende, de um lado, do próprio tipo de tecnologia e, de outro, do tanto que a população está excluída do centro de produção e de seus interesses. Mas também depende dos próprios interesses e possibilidades das diferentes sociedades e dos distintos grupos que as integram. O caso do Brasil é exemplar. Numa cidade como São Paulo, separados por curtas distâncias, é possível encontrar produtores e consumidores de tecnologias consideradas de ponta e grupos cujo sistema de vida está forte e gravemente configurado por estas mesmas tecnologias e outros que não são sequer consumidores passivos - com exceção de espectadores de televisão. Portanto, o lapso, mais que de tempo puramente, é condicionado pelas características de cada sociedade.

**- O que a tecnologia trouxe de contribuição para a mudança nas relações entre educação e trabalho?**

- Vamos fazer um resgate da história mais recente, a partir do surgimento da escola. Sempre houve uma relação importante entre os sistemas escolares e os sistemas produtivos. A sociologia da educação traça a história dessa relação. A socióloga espanhola Julia Varela argumenta que a pedagogia racionaliza a organização escolar e a forma de ensino sem se colocar nunca a arbitrariedade dessa organização, nem tampouco o estatuto dos saberes que são objeto desse ensino. Uma evidência antiga dessa tese, que perdura na educação escolar atual, pode ser encontrada no Renascimento com o aparecimento de uma nova concepção de infância, que separava cada vez mais os mundos dos adultos do mundo das crianças. A necessidade de proporcionar formas específicas de educação e de contar com as novas instituições educacionais levou os jesuítas a colocarem em marcha uma maquinaria escolar que não só contribuiu para dar às crianças um estatuto especial, como também converteu o seu sistema de ensino nos países católicos em um sistema modelo para as demais instituições escolares incluindo, com lutas e sucessivos reajustes, as universidades.

#### **- Com se pode definir esse modelo?**

- É um modelo que faz a opção de utilizar espaços fechados, de controlar os saberes que serão transmitidos e de organizar esses saberes de forma que se tornassem adequados às supostas capacidades infantis. Essa forma pressupõe seleção e censura, mas é sempre envolta pela ortodoxia católica e, portanto, tem caráter moral. Isso faz com que se apresente como a melhor forma de executar o projeto de formação de novos cristãos. O ensino das "boas letras" e da "virtude" os obrigou a por em prática toda uma série de procedimentos e técnicas. Eles foram se aperfeiçoando aos poucos, com o objetivo de conferir, tanto aos estudantes como aos saberes, uma natureza moralizada e moralizante. Estas técnicas e procedimentos se converteram em suas mãos em instrumentos privilegiados de extração de saberes e fonte de exercícios de poderes, que tornaram possível o surgimento da "ciência pedagógica", do "saber pedagógico".

#### **- Mas a história não parou nos jesuítas...**

- Outro momento importante nesse extenso processo de elaboração da educação escolar se encontra no que Michel Foucault (pensador francês, já falecido, autor de *Microfísica do Poder*) chamou de "disciplinamento interno dos saberes". A reorganização dos saberes durante o período da Ilustração pressupôs um múltiplo e intenso debate em relação à formação e o exercício de determinados poderes. As instituições educativas, sobretudo a universidade napoleônica e toda a sua influência na escola média, tiveram papel importante nesse processo. Nesse sentido, os saberes disciplinadores e a disciplinarização dos sujeitos são as duas faces de um processo que trabalha na diagonal o conjunto da organização escolar.

#### **- O século 19, então, foi um marco importante nessa organização da escola?**

- No século 19, o surgimento da escola obrigatória como dever e como direito para os meninos (e depois para as meninas) de todas as camadas sociais pode ser analisado

sob dois ângulos. Como conquista dos trabalhadores e como uma forma de controle e disciplinarização da população que deveria se acostumar à rotina dos horários e a lógica dos trabalhos industriais. No nosso século os princípios organizativos do taylorismo e do fordismo, com sua divisão do trabalho e compartimentação das tarefas, encontraram amplo eco na vida escolar. Uma vez mais, o mundo do trabalho influenciou de maneira importante a forma de organizar a educação escolar. A penúltima evidência desse fato é a urgência com que organizações, empresas e governos solicitam que a escola forme indivíduos criativos, que saibam trabalhar de forma cooperativa e aprendam de maneira independente. No mundo empresarial se fala de toyotismo; na escola, de comunidades de aprendizagem, de aprendizagem independente, de tomada de decisões, de capacidade de resolução de problemas. O grande tema deste momento consiste em resolver a contradição que pode significar, para os indivíduos, a demanda de que sejam criativos no trabalho e dóceis e conformados com as próprias estruturas produtivas e sociais.

**- Em que as novas tecnologias - assim chamadas hoje - alteram o contrato social entre indivíduos e grupos?**

- Mais que as novas tecnologias, entendidas, como já disse anteriormente, como artefatos de tratamento da informação, o que realmente está transformando o contrato social entre indivíduos e grupos são as novas formas de poder econômico, a maneira de entender as relações de trabalho e a homogeneização das visões de mundo a partir da aceitação, mais ou menos introjetada, do primado das leis de mercado. Os centros de poder mudaram ou se mostram de forma mais concreta. Hoje, o homem mais influente do mundo não é um estadista ou um banqueiro, mas o construtor de um império informático (refiro-me a Bill Gates). Nenhum dos autênticos donos do mundo submetem seus projetos a sufrágio universal. Seu dinheiro, seus produtos e suas idéias atravessam sem obstáculos as fronteiras de um mercado mundializado.

**- Além dessa ausência de obstáculos para o projeto dominante, que outros elementos caracterizam, na sua opinião, a sociedade que chamamos de tecnológica, pós-moderna ou da informação?**

- Nos últimos anos foi escrito um número considerável de livros e artigos, realizados outros tantos congressos e desenhados milhares de sites na Internet sobre esse tema. Cada perspectiva é definida em função da visão de mundo. O conceito de pós-modernidade, que foi gerada na discussão acadêmica vinculada, sobretudo, ao mundo da arte e da crítica literária, fez emergir um importante e sugestivo conjunto de visões e discursos divergentes sobre a realidade. Alguns dos postulados tais como exaltação do relativismo, reconhecimento do particular, crescimento da cultura de fragmentos, primado do presente, desregulamento e questionamento da estrutura e organização pública, o valor do que existe e a confusão pragmática do real e do possível etc, são exacerbados pelos discursos e práticas políticas neoliberais com importantes conseqüências para indivíduos e grupos. É aqui que se situa a disparidade ou diversidade dos possíveis enfoques e funções das novas tecnologias, no sentido do contrato social que rege as relações de poder e

dominação entre os grupos. A mudança ideológica, política e tecnológica da sociedade pós-moderna, mediática, da informação ou do pensamento único (damos todas essas denominação à sociedade atual) reforçaram alguns centros de poder produzindo um processo de erosão na construção econômico-social gerada pelo paradigma da modernidade.

**- A senhora pode apontar alguns exemplos?**

- Algumas manifestações dessas mudanças podem ser encontradas na tendência predominante de outorgar todo poder às leis do mercado; a capacidade subversiva das fabulosas riquezas criadas freqüentemente nos paraísos fiscais, livres totalmente dos governos e atuando no ciberespaço das geofinanças; as imprevisíveis conseqüências da criação de novas fronteiras, de novos territórios. Sem novo contrato social, sem sanções, sem lei, à exceção das que são estabelecidas pelas corporações em seu livre arbítrio, em seu melhor proveito, podemos imaginar maus momentos para as perspectivas alternativas.

**- Como a senhora situa as grandes corporações nesse novo mundo?**

- As grandes corporações e seus presidentes estão acima das intermináveis discussões em que conceitos como bem público, bem estar social, liberdade e igualdade ainda têm sentido. Os sistemas democráticos não parecem ter sido feitos para eles. Não têm tempo a perder. Seu dinheiro, seus produtos e suas idéias atravessam sem obstáculos as fronteiras de um mercado mundializado. A seus olhos o poder político é apenas um terceiro poder.

**- Como a senhora situa o trabalho nesse mundo?**

- O trabalho se converte em um bem escasso e, portanto, em um bem valorizado. Disso resulta uma nova ética que chega às raias do desequilíbrio. Os que têm trabalho, cada dia têm mais e mais. Os que não têm encontram cada dia mais dificuldade para entrar no mercado de trabalho. A disparidade dos salários também é outra característica do mundo atual. Enquanto milhões de pessoas ganham menos de um dólar por dia, um grupo reduzido de executivos e executivas recebem salários milionários, mesmo continuando assalariados. Mas o mais significativo é que o trabalho se transformou em uma nova mística. Como afirmava o escritor norte-americano John Updike, não há ócio: "Os acomodados norte-americanos que tinham tempo de discutir arte ou política, jogar uma partida de tênis ou trocar receitas de cozinha desapareceram. Agora, se dizemos que não temos trabalho, somos desgraçados". Esta sociedade não considera uma pessoa séria aquela que não tem trabalho fixo e que trabalhe dez horas por dia.

**- Ao contrário do sonhado, a tecnologia, portanto, não está liberando o homem para mais tempo de lazer?**

- Em qualquer caso, o velho mito da técnica como libertadora da humanidade parece definitivamente esquecido. O ócio acaba se transformando também em negócio e acaba se parecendo com trabalho: navegar na Internet, resolver distintos níveis de dificuldade dos videogames etc. A principal função das tecnologias não parece ser,

como nos sonhos da Ilustração, a libertação e a emancipação da espécie humana, mas perpetuar e aumentar o *status quo* de uns poucos a custa de uma maioria atada no círculo do trabalho e do consumo.

**- O que podemos chamar hoje de nova tecnologia?**

- A conotação de novo ou velho pode ter uma dimensão absoluta e outra relativa. Um objeto, artefato, idéia ou conceito podem ser novos para um indivíduo ou grupo mesmo que tenha sido elaborado, fabricado, criado ou desenvolvido anos ou séculos antes. Pode ser algo cotidiano e parte da vida de todo um país ou de determinados grupos sociais e, ao mesmo tempo, ser um futurismo inalcançável para outros países, para alguns indivíduos ou grupos do próprio país. No momento, porém, o adjetivo *novo* acompanha as tecnologias, sobretudo as relacionadas à informação (computadores, redes telemáticas, televisão digital etc). Esta visão, como eu já disse, afasta a atenção do público das novas biotecnologias (clonagem, blindagem de células, reprodução assistida, alimentos transgênicos) que estão afetando nossas vidas tanto ou mais que as tecnologias da informação.

**- A corrida atrás do novo, sobretudo quando falamos em preparação para o mercado de trabalho, parece nos dizer que o novo é sempre o melhor. Você concorda com isso?**

- Claro que não concordo. A visão de que tudo que é novo, toda inovação é automaticamente melhor é característica do pensamento norte-americano regido pelo imperativo tecnológico e pelo capitalismo consumista. O imperativo tecnológico situa o progresso da humanidade na produção de artefatos, minimizando a importância dos sistemas organizativos e as relações humanas. A partir desta perspectiva, as soluções dos problemas são de caráter técnico. Por exemplo, em relação ao tema da preparação para o mercado de trabalho, muitas pessoas pensam que o alunado, desde pequeno, deve saber usar um computador para ser competitivo no mundo do trabalho. Muitas escolas, sobretudo particulares, compram equipamentos para mostrar que são modernas e que estão na última moda. Porém, nem sempre se questionam sobre o que fazer com os computadores e podem acabar oferecendo um ensino repetitivo, com pouca exigência cognitiva, intelectual e emocional, que não prepara o alunado nem para a vida atual nem para a futura.

**- Como poderíamos sintetizar os efeitos das novas tecnologias de informação e comunicação?**

- As novas tecnologias da informação e da comunicação têm três tipos de efeitos. Alteram a estrutura de interesses - as coisas nas quais pensamos. Isso tem conseqüências importantes na avaliação do que é prioritário, importante, fundamental, obsoleto e também tem influência nas relações de poder. Muda também o caráter dos símbolos - as coisas com as quais pensamos. As operações comparativamente simples tais como fazer um nó ou marcar sinais para recordar alguma coisa. Mudam a estrutura psicológica do processo de memória, estendendo-a para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano, permitindo incorporar estímulos artificiais e autogerados que denominamos signos. Se assim é,

não cabe dúvidas de que as novas tecnologias da informação ampliaram significativamente esse repertório. Por último, elas modificam a natureza da comunidade - a área na qual se desenvolve o pensamento. Nesses momentos, para um importante número de indivíduos essa área pode ser o ciberespaço, a globalidade do mundo virtual, ainda que essas pessoas não saiam de casa e não se relacionem fisicamente com nada.

**- Quais seriam os efeitos sobre os processos de aprendizagem? E sobre a socialização dos jovens, entendida como parte da sua formação?**

- Até pouco tempo, a socialização e a aprendizagem tinham lugar em áreas relativamente precisas, delimitáveis e passíveis de serem estudadas. Hoje as fontes de informação de todo tipo são múltiplas e não é mais possível dizer que um grupo de indivíduos, mesmo vivendo no mesmo bairro, inclusive na mesma família, indo à mesma escola e podendo escolher os mesmos canais de tv, tenha as mesmas influências. A explosão e a generalização dos suportes de informação (livros, revistas, cinemas, televisão, vídeos, computadores, Internet etc) tornam impossível medir o sentido das fontes de aprendizagem dos indivíduos. Paradoxalmente, neste mundo propiciado pelas novas tecnologias e pela ideologia do pensamento único, a cultura de mosaico, o excesso de informação, as enormes facilidades de comunicação estão trazendo novas formas de desinformação e incomunicação.

**- Diante das necessidades de se preparar para o trabalho e de ser um cidadão pleno, esse paradoxo pode ser preocupante...**

- Sem dúvida é um fator preocupante para educadores, políticos e empresários. Todos eles reconhecem, por diferentes motivos, a importância crescente da socialização como forma de interiorização de conhecimentos, habilidades e valores (mesmo que possa haver confrontos entre grupos) como base do crescimento pessoal e para a manutenção do sistema. Sem dúvida, existem ainda poucos estudos que abordem em profundidade este problema.

**- Como a senhora avaliaria o papel da família neste mundo tecnológico?**

- Ainda que a família continue sendo um importante ponto de referência, altamente valorizado pelos jovens de países como a Espanha, ela parece estar perdendo a capacidade de transmitir com eficiência os valores e pautas culturais de coesão social. Além disso, o fato da maioria dos adultos viver em um mundo difícil de entender e continuar a cuidar da educação de seus filhos, dando as costas ao efeito produzido pelos novos agentes de socialização representados pelos diferentes meios de informação e comunicação, não favorece o desenvolvimento de elementos formativos que permitam à infância e à adolescência estabelecer um diálogo crítico e seletivo com as diferentes mensagens recebidas.

**- Qual tem sido o papel da escola, em meio a essa tensão provocadas pelas novas tecnologias?**

- É óbvio que a escola não pode por si só ser responsável pela educação das pessoas, embora alguns setores da sociedade insistam nessa cobrança. Cada agente social tem sua responsabilidade na crucial e enorme tarefa que representa a educação. A escola não está só e seu trabalho, quer queira quer não, é mediado e interdepende do restante do sistema social. O processo de formação do menino, da menina, do jovem, do adulto se dá em estreita relação com o contexto social em que se encontram. Este, por sua vez, está pleno de saberes acumulados e emergentes que servem para explicar, aplicar, transformar e criar escalas de valores e modelos de intervenção e que são patrimônio exclusivo dos sistemas escolares. De fato, os sistemas escolares são cada vez mais dependentes do restante das instituições sociais. Uma das conseqüências dessa dependência se traduz na tensão contínua que experimentam os sistemas escolares entre a necessidade de mudar e a necessidade de conservar as tradições. As famílias se inquietam quando seus filhos não aprendem o que elas aprenderam, mas se preocupam quando não sabem falar em outros idiomas ou usar o computador. Esta é uma questão que só pode ser resolvida a partir de uma posição de autoridade pedagógica, que a escola parece não ter mais. Por outro lado, toda inovação tecnológica requer importantes investimentos. As empresas são um claro exemplo. Mas a escola não tem solvência econômica. Depende de tecnologias desenvolvidas para resolver problemas gerados em outros limites que, além disso, não podem ser comprados ou atualizados.

**- Há limites, portanto, para as novas tecnologias na educação?**

- Convém levar em conta que as novas tecnologias da informação não foram produzidas para resolver os problemas da educação. Ou seja, não são tecnologias da educação e sim ferramentas desenvolvidas para tratar a informação de forma rápida, diversificada e eficaz. Os problemas da educação não podem ser resolvidos por essas tecnologias. A educação tem que seguir produzindo conhecimento pedagógico que dê conta de seus próprios problemas. Os limites das novas tecnologias na educação podem ser sintetizados em quatro pontos: a *equidade* - como garantir educação para todos, que dê resposta às expectativas e necessidades, muitas vezes em conflito, dos diferentes indivíduos e grupos? O *sentido* - como favorecer entre os alunos uma visão positiva do seu entorno e de seu papel como meninos, meninas, jovens e adultos em um mundo injusto e desigual, pressionado pelos problemas da pobreza, da marginalização, da corrupção política e econômica e a degradação do meio ambiente? O *significado* - como pode uma instituição, afastada das problemáticas do mundo e dos interesses de seus próprios alunos e escorada em um saber disciplinar descontextualizado, captar o interesse dos estudantes? Como favorecer a compreensão dos fenômenos de um mundo caracterizado pela cultura do fragmento e o excesso de informação? A *perspectiva* - como transformar uma instituição baseada na segurança proporcionada pela metáfora curricular disciplinar em um ente que aprende na incerteza e na complexidade?

**- Qual é, portanto, a educação que deve receber um jovem ou um adulto que está neste momento buscando lugar no mercado de trabalho? Ele deve obedecer cegamente às ordens do mercado? Tornar-se um tecnocrata radical? Ou não?**



- Para mim, é óbvio que não. A melhor educação para um jovem em formação, como indivíduo e como profissional, deve ser integral. Ou seja, atender às dimensões intelectuais, emocionais e corporais. Uma educação que possibilite realizar juízos reflexivos e desenvolver habilidades de pesquisa, que capacite para alcançar a auto-realização e possibilite encontrar o que se é realmente; que permita a comunicação, a criatividade, o saber resolver problemas e trabalhar em equipe. Uma educação que também leve à utilização das novas tecnologias, mas exercendo uma cidadania responsável, com auto-satisfação, tendo consciência de seus direitos e deveres e disposição para o trabalho. Ou seja, alguém que não obedeça cegamente a ninguém nem a nada. Mais que um tecnocrata radical, a educação deve formar um cidadão radical.

## Desafios da educação

Levar a escola a se transformar em verdadeira comunidade de aprendizagem é o objetivo principal da série de palestras programadas pelo projeto Encontros Instigantes, que trará ao Rio a pesquisadora da Universidade de Barcelona, Juana Maria Sancho, nos dias 30 de junho e 1º de julho. O projeto, que atua há quatro anos no aperfeiçoamento de professores e educadores em geral, contará ainda com o professor Fernando Hernández, especialista em currículo e projetos de trabalho, também da Universidade de Barcelona.

Os temas do encontro deste ano serão: O desafio da escola hoje: a construção do projeto político-pedagógico, Para além do construtivismo na escola e Avaliar para avançar. Os mesmos pesquisadores espanhóis e a coordenadora do Centro de Estudos Educacionais do Vera Cruz, de São Paulo, Vera Grellet, estarão ainda em Búzios, no dia 3 de julho, inaugurando o centro de estudos da Escola da Árvore. Serão realizadas as oficinas Repensar a escola em tempos de mudança e Projetos de trabalho no cotidiano.

"A idéia de fazer a escola funcionar com projetos de trabalho não é novidade. O que os pesquisadores espanhóis trazem de novidade, em especial o professor Fernando Hernández, é a perspectiva de transgredir a estrutura escolar vigente e transformar a escola em uma instituição compatível com a sociedade em mudança. Transgredir mudando seu espaço, o tempo, o currículo, as disciplinas ", explica Lourdes Atié, coordenadora do projeto Encontros Instigantes. Pouco conhecida ainda, a idéia de projetos de trabalho não é um método."Antes de mais nada, sem mágica, essa linha de trabalho aposta na mudança da escola para o novo mundo, mas feita neste momento", acrescenta a educadora. Essa linha de trabalho pedagógico vem ganhando terreno nas escolas brasileiras do nível fundamental à universidade, aprofundando a metodologia que se valia dos temas geradores na medida em que se desenha segundo a realidade social e pressupõe mudanças estruturais no sistema de ensino.

Informações: (021) 243-2113 ou [ideaisfuturas@openlink.com.br](mailto:ideaisfuturas@openlink.com.br)

Copyright (c) 1995, 1997, **Jornal do Brasil**, Primeiro Jornal Brasileiro na Internet!

Texto disponível em: <http://homes.dcc.ufba.br/~frieda/mat061/liopara.htm>

